

DESTAQUE DIA DE ÁFRICA

RELATÓRIO DO BANCO AFRICANO DE DESENVOLVIMENTO SOBRE ÁFRICA

Empreendedorismo e industrialização são os principais desafios para o desenvolvimento

A cultura empresarial no continente é “vibrante”, com cerca de 80% dos africanos a encararem o empreendedorismo como uma boa oportunidade de carreira. As novas estratégias de industrialização devem centrar-se no aproveitamento deste dinamismo e focar-se na criação de emprego de qualidade.

José Cassanda

O empreendedorismo e a industrialização são os grandes desafios apontados a África para enfrentar o baixo desenvolvimento humano e o crescimento a duas velocidades entre os 54 países que fazem parte do continente.

De acordo com o relatório sobre Perspectivas Económicas para África 2017 do Banco Africano de Desenvolvimento divulgado esta semana, a cultura empresarial no continente é “vibrante”, com cerca de 80% dos africanos a encararem o empreendedorismo como uma boa oportunidade de carreira. “O continente tem a maior participação do mundo de adultos a iniciarem ou a gerirem novos negócios, mas frequentemente em sectores onde a produtividade permanece baixa”, refere o relatório.

Assim, as novas estratégias de industrialização devem centrar-se no aproveitamento deste dinamismo e focar-se nas empresas privadas de crescimento rápido do continente que têm potencial para criar empregos de qualidade, acrescenta.

De acordo com o relatório, pelo menos, 26 países africanos têm estratégias de industrialização em vigor em 2017. Angola faz parte desse conjunto. Desses países, 19 identificaram a manufatura leve como uma área-chave para o desenvolvimento, particularmente na agro-indústria, produtos de madeira, vestuário, têxteis, couro e calçados. Dezas seis abordam aspectos da sustentabilidade ambiental, como o uso de energia renovável e a conservação da água. Quinze visam a agricultura, incluindo a pecuária, a silvicultura e os produtos da pesca. Treze estratégias estão relacionadas com turismo e serviços de alta tecnologia. Onze estão focadas na mineração e nos sectores extractivos como cobre, e petróleo e gás. Oito das estratégias dão prioridade à produção de energia (sector muito importante para o desenvolvimento do processo de industrialização) e cinco à construção.

Enquanto muitos dos esforços para industrializar África foram, muitas vezes, mal sucedidas, es-



A aposta na industrialização no continente africano tem sofrido vários revés ao longo dos anos

pera-se que hoje a “actual revolução industrial e ambiental” possa oferecer novas oportunidades e desafios ao continente, que até pode beneficiar com o aumento dos custos de produção no continente asiático. Assim, há três estratégias essenciais para a industrialização do continente: promover um sector privado competitivo, direccionar os sectores económicos com alto potencial de crescimento e aproveitar melhor o potencial dos empreendedores. De acordo com o relatório, África precisa de mais e melhores empregos para reverter a elevada pobreza que subsiste no continente, apesar do crescimento económico de 5% ao ano entre

O continente tem a maior participação do mundo de adultos a iniciarem ou a gerirem novos negócios

2001 e 2014. Entre 2015 e 2030, todos os anos vão entrar na população activa cerca de 29 milhões de pessoas. Assim, os países precisam de criar oportunidades de emprego em massa sobretudo para a população não qualificada.

“A transformação económica não será possível sem a industrialização. A industrialização é necessária para África transformar as suas economias realocando recursos dos sectores de baixa produtividade para os de mais elevada. Somente a industrialização pode trazer convergência incondicional com as economias mais avançadas”, refere o documento.

Assim, a industrialização do continente, além dos benefícios sociais, trará vantagens económicas como o acesso ao capital e à inovação tecnológica, bem como à aprendizagem.

As indústrias transformadoras em África representam actualmente 11% do PIB do continente, menos do que noutras regiões em desenvolvimento, como Ásia Oriental e Pacífico (23%), Ásia do Sul (16%) e América Latina e Caribe (14%). A

EMPREENDEADORISMO EM ÁFRICA

29 Milhões de pessoas darão entrada no mundo de trabalho todos os anos entre 2015 e 2030

22% Da população em idade activa está a começar novos negócios

33% Dos Empresários entram nos negócios porque não conseguem arranjar emprego

participação deste sector no PIB africano é comparável à da União Europeia (15%) e da América do Norte (12%). No entanto, estas últimas são regiões mais desenvolvidas que completaram o processo de transformação estrutural, onde a mão-de-obra passou da agricultura para a manufatura e depois para os serviços. Lá, a agricultura é responsável por uma parcela muito menor do PIB, e a indústria de transformação tem uma maior produtividade. Já em África, a agricultura representa 16% do PIB, só comparável ao sul da Ásia, com 18%. Em todas as outras regiões enumeradas anteriormente, a agricultura contribui no máximo para 5% do PIB.

De acordo com o relatório do BAD, muitos países africanos têm estratégias para o empreendedorismo, mas estas concentram-se principalmente em aliviar a pobreza e em criar empregos em vez de industrializar o país.

Um continente a duas velocidades
Enquanto alguns países estão já numa fase evolutiva da indus-

3 PERGUNTAS A

TIAGO DIONÍSIO
Consultora Eaglestone
“ECONOMIAS DE ÁFRICA CONTINUAM POUCO DIVERSIFICADAS”
Porque é que o processo de industrialização no continente não tem sido difícil em África?

Apesar do forte crescimento registado no continente durante a última década, boa parte das economias do continente continua pouco diversificada e ainda dependente da evolução do preço das commodities. Dito isto, o processo de industrialização em África tem tudo para beneficiar de algumas condições únicas que o continente oferece. Em particular, o facto da maioria da população ser relativamente jovem, os níveis de urbanização estão a crescer a um ritmo considerável e África oferecer vastos recursos agrícolas poderão potenciar o sector industrial nos próximos anos.

O que falta a Angola para avançar no seu processo de industrialização?

As autoridades Angolanas têm de continuar a implementar reformas estruturais e a introduzir medidas que visem reduzir a (ainda) elevada dependência do petróleo e criar condições para que a economia volte a crescer a um ritmo sustentável e mais inclusivo. Este é um processo que demora tempo, mas crítico para que o País consiga convergir para os níveis de desenvolvimento dos países mais avançados.

Que peso tem o sector energético nesse atraso?

As dificuldades energéticas que o país ainda atravessa são uma das razões para o atraso no processo de industrialização. Por isso, continua a ser fundamental resolver essas questões para poder retirar o máximo de potencial de todos os agentes de mercado. Tem sido feito um esforço para resolver problemas de fundo no sector energético e projectos como a barragem de Luáca são uma boa novidade, apesar da actual crise não permitir que mais projectos como este tenham uma implementação fácil.

rialização das suas economias, como África do Sul, Tunísia ou Marrocos, outros há que ainda não conseguiram impulsionar a manufatura. As novas tecnologias abrem possibilidades para a emergência de novos sectores e hoje a cidade do Cabo, Lagos e Nairobi estão a emergir como pólos de empresas internacionais, especialmente em sectores como a tecnologia financeira e as energias renováveis. As novas tecnologias de comunicação podem ajudar as empresas a participar no comércio global. Ao recorrer à internet, as empresas podem chegar a mercados além da sua localização geográfica. De acordo com o Banco Mundial, “um aumento de 10% no uso da internet no país exportador aumenta o número de produtos comercializados entre dois países em 0,4%”.

As indústrias transformadoras em África representam actualmente 11% do PIB do continente

Em África há países bastante desenvolvidos em algumas áreas. Por exemplo, o Quênia e a Nigéria estão mais avançados na banca electrónica do que muitos países da OCDE, revela o relatório. A África subsaariana possui mais de 222 milhões de contas de dinheiro electrónico, mais do que todas as outras regiões em desenvolvimento combinadas.

Uma preocupação que é transversal à maior parte dos países que pretende dinamizar o sector industrial é a falta de qualificação da mão-de-obra. Este é um assunto que também está em cima da mesa em Angola. A qualificação profissional é encarada como o principal factor que contribui para a competitividade das empresas. Uma pesquisa da consultora PwC revelou que 90% dos CEOs de grandes empresas sul-africanas estão preocupados com o impacto que a falta de qualificação tem sobre o desempenho de suas organizações.

CRESCIMENTO ECONÓMICO PARA 2017 E DADOS DE 2016

Banco Africano de Desenvolvimento mais optimista que o Governo e FMI

Os dados sobre o crescimento no ano passado são bastante mais positivos que os dados do INE, entretanto “congelados” pelo Governo, que apontam para uma recessão de 3,6% no ano passado.

Angola deverá ter um crescimento de 2,3% este ano e de 3,2% em 2018, depois de a economia ter abrandado para 1,1% no ano passado, revela o relatório sobre as Perspectivas Económicas Africanas divulgado esta semana, que contraria os números oficiais relativamente ao ano de 2016. O relatório apresenta uma perspectiva mais optimista do que a do próprio Governo e de outras instituições económicas internacionais, como o Banco Mundial ou o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O relatório do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico e das Nações Unidas revela que a economia nacional reduziu o crescimento para 1,1% no ano passado devido “a um abrandamento na economia não petrolífera num contexto em que os sectores industrial, da construção e dos serviços ajustaram-se aos cortes no consumo privado e no investimento público”.

A 28 de Abril, o *Expansão* revelou que a economia registou uma recessão em 2016, com um crescimento negativo do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,6% no ano passado face a 2015, de acordo com as Contas Nacionais preliminares do IV trimestre do Insti-

tuto Nacional de Estatística (INE), dados “congelados” pelo Governo que deveriam ter sido publicados até 10 de Abril. Passado quase um mês sobre a notícia do *Expansão*, o relatório relativo às Contas Nacionais continua por publicar tendo, em Abril, uma fonte garantido que a publicação foi congelada pelo ministro do Planeamento e do Desenvolvimento Territorial, alegadamente por ter encontrado “problemas de metodologia”. A mesma fonte

Assim, os números oficiais de 2016 do INE são relativos apenas aos três primeiros trimestres, que revelam uma contracção de 4,7% em média.

Mais optimista que o FMI

O relatório é mais optimista que as previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI), que aponta para um crescimento de 1,3% em 2017 e 1,5% no próximo ano, depois da estagnação do ano passado. As previsões do BAD são ainda mais optimistas que as do Governo. Em Abril, à margem das reuniões do FMI e do Banco Mundial, o ministro das Finanças, Archer Mangu'eira, estimou que a economia angolana terá crescido entre 0,1% e 0,6% em 2016. O Governo chegou a prever um crescimento da economia de apenas 1,1% em 2016, entretanto revisto em baixa para 0,1%, enquanto a maior parte das instituições económicas internacionais aponta para uma estagnação ou valores aproximados de zero.

De acordo com o relatório de fundamentação da proposta de Orçamento Geral do Estado (OGE) para 2017, o Governo prevê um crescimento da economia de 2,1% este ano.

J.C.

FMI aponta para um crescimento de 1,3% em 2017 e 1,5% no próximo ano, depois da estagnação no ano passado

adiantou que a verdadeira razão para o congelamento é outra, apontando o receio de que os dados económicos negativos não fossem bem recebidos pelo Governo e pelo partido MPLA face à proximidade das eleições.



Previsões do Banco Africano de Desenvolvimento apontam para crescimento de 2,3% este ano